

“El Libro de Cirugía”: Medicina, Farmácia e Cirurgia nas missões Jesuítico-Indígenas Setecentistas

“The Book of Surgery”: Medicine, Pharmacy and Surgery among Jesuit-Indigenous Missões Setecentistas

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. *Libro de Cirugía*. Traduzido de autores graves y doctos para alívio de los enfermos. Escrito en estas Doctrinas de la Compañía de Jesús, en 1725. 2 ed. [e-book] São Leopoldo: Oikos, 2022.

Jefferson Aldemir Nunes

Doutorando na Universidade Autónoma de Lisboa (UAL), Portugal
jeffersonnunes.92@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-5883-9464>
<http://lattes.cnpq.br/6063192735895936>

Resumo: Apreciação da edição do “Libro de Cirugía”, de 1725, realizado por Eliane Cristina Deckmann Fleck em 2022. Discute-se a contribuição da historiadora para o entendimento da obra e sua autoria, sua atualidade dentro das temáticas de escrita religiosa colonial e para pensar a relação saúde-doença na América do XVIII. Evidencia-se o papel que esses manuscritos tiveram para a circulação de ideias, práticas e saberes médicos de várias fontes e que geraram trocas culturais que uniram a Europa à América, para além de uma visão de dominação metropolitana. Além disso, como os saberes curativos de populações nativas foram “domados”, por meio de padrões científicos europeus da época, cujos missionários eram agentes ativos.

Palavras-Chave: Libro de Cirugía; Jesuítas; Medicina missionária.

Abstract: Appreciation of the edition of the “Libro de Cirugía”, from 1725, edited by Eliane Cristina Deckmann Fleck in 2022. The discussion centers on the historian's contribution to the understanding of the work and its authorship, its relevance within the themes of colonial religious writing, and its role in reflecting on the health-disease relationship in 18th-century America. The text highlights the role these manuscripts played in the circulation of ideas, practices, and medical knowledge from various sources, facilitating cultural exchanges that connected Europe with America beyond a perspective of metropolitan domination. Additionally, it discusses how the healing knowledge of native populations was 'tamed' through the European scientific standards of the time, with missionaries acting as active agents.

Keywords: Libro de Cirugía; Jesuits; Missional medicine.

Os estudos sobre a atuação da Companhia de Jesus no continente americano vêm se modificando nas últimas décadas, incluindo novas perspectivas e metodologias. Superando muito da visão dicotômica e maniqueísta sobre a ação dos jesuítas, que foi dominante, durante muito tempo, Historiadores de diversas matizes teóricas e campos investigativos vêm demonstrando a pluralidade de temas possíveis de serem estudados, a partir dos escritos deixados por esses religiosos. Além disso, o encontro e a exploração de novas fontes, e a sua acessibilidade, em formato digital, têm promovido a facilitação de pesquisas, cruzamento de dados e a análise de novos aspectos da missionarização da Companhia de Jesus.

Essa constatação, mais uma vez, pode ser comprovada na edição do “Libro de Cirurgía”, realizada pela historiadora Eliane Cristina Deckmann Fleck. Com formação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), ela vem construindo projetos e estudos reconhecidos, internacionalmente, na área de missões jesuítas, práticas de escrita e leitura, e atividade científica da Companhia de Jesus na América. Suas publicações abordam diversos aspectos da ação missionária e a construção de um saber científico no coração do continente americano, e vêm descortinando elementos da doença e da saúde no período colonial¹.

A pesquisadora, também, tem se dedicado, nos últimos anos, à edição de manuscritos coloniais que não haviam recebido o devido tratamento pela historiografia, como o “Paraguay Natural Ilustrado”, de Sánchez Labrador (1771-1776), que se manteve inédito até a sua publicação em 2015 (FLECK, 2015). Seu último trabalho de fôlego foi a edição do chamado “Libro de Cirurgía”, manuscrito de medicina missioneira do século XVIII, o qual se considerava perdido e só foi recuperado com uma parceria entre pesquisadores de países da região do Prata, sendo localizado na biblioteca do convento San Francisco, em Catamarca, Argentina. O documento foi digitalizado e analisado pela professora Fleck e colaboradores, nos últimos anos, gerando o livro lançado em edições em português e espanhol, que, aqui, analiso.

Apesar de conhecido pela historiografia (como em Garzón Maceda, Guillermo Furlong e O'Neill e Dominguez), esse texto não havia passado por uma análise mais detida e amparada por

¹ Entre os seus estudos mais destacados, estão os livros “Entre a caridade e a ciência: a prática missionária e científica da Companhia de Jesus. América platina, séculos XVII e XVIII”, “Enlaçar Mundos. Três jesuítas e suas trajetórias no Novo Mundo” de 2014, “História da Assistência à Saúde e à Pobreza - Olhares sobre suas instituições e seus atores”, de 2017, “A ação global da Companhia de Jesus: embaixada política e mediação cultural em um cenário mundial”, de 2018, “O universo letrado da Idade Moderna: escritoras e escritores portugueses e luso-brasileiros, séculos XVI-XIX”, de 2019, dentre outros, sendo alguns desses, em colaboração com outros pesquisadores.

cânones historiográficos contemporâneos, e o trabalho de Fleck veio preencher essa lacuna. Tradicionalmente, considera-se que a autoria desse documento de cirurgia missioneira tenha sido do irmão Pedro Montenegro, jesuíta lembrado pelo seu trabalho médico nas missões americanas setecentistas, e que escreveu, também, a “Materia Medica Misionera”, de 1710. Essa autoria é indicada em pesquisadores jesuítas e não havia sido posta à prova por historiadores. Assim, o trabalho da professora Fleck vem para sanar as diversas dúvidas sobre a sua produção, e explorar aspectos interessantes presentes, no documento, que indicam caminhos para pesquisas futuras.

A edição publicada pela Editora Oikos, em 2022, foi precedida por três estudos introdutórios, em que a pesquisadora analisa, detidamente, aspectos da construção do manuscrito. Dentre eles, como as referências médicas de diversas fontes foram utilizadas e integradas pelo autor, quais os medicamentos e formas de preparo e administração indicados, a mistura com saberes e plantas nativas americanas etc.²

Um ponto fundamental dos estudos iniciais é a discussão sobre a autoria do manuscrito, com uma análise das caligrafias utilizadas e a comparação com a “Materia Medica” supracitada, visando determinar se a autoria do “Libro de Cirugía” é, realmente, de Pedro Montenegro. A presença de pelo menos três caligrafias distintas, no texto, impede a certeza da determinação dessa autoria e, além disso, há diferenças no estilo das duas obras, o que não deixa claro se Montenegro, de fato, trabalhou no texto.

Assim, Fleck prefere definir o “Libro de Cirugía” como um “manuscrito anônimo de medicina missioneira”, que contou com um ou mais autores compiladores em sua produção, e foi manuseado e empregado no tratamento de doenças nas missões por diversos agentes, demonstrando uma circularidade do conhecimento, e a mistura e adição de elementos ao longo do tempo. Seja qual for a autoria, o destino e os utilizadores, a obra possui redação com vocabulário que aponta para a formação e familiaridade do(s) autor(es) com os princípios hipocrático-galênicos e das literaturas médicas antiga e moderna, além da relação com saberes próprios dos nativos americanos.

² Esse encontro e miscigenação de traços culturais vêm na esteira de trabalhos importantes de Sanjay Subrahmanyam (1997; 2001; 2007; 2011; 2022); Jorge Cañizares-Esguerra (2004; 2007); Serge Gruzinski (2001; 2012; 2014); Kapil Raj (2015), que ressaltam a via de mão dupla dos encontros de culturas distintas na Idade Moderna, que gerou novas práticas científicas, e, nunca, foram uma mera imposição do centro europeu para as colônias americanas, africanas e asiáticas, mas passaram por complexas redes de troca e mistura de elementos, com negociação, circulação e a construção de “saberes mestiços”.

Como apontou o professor Carlos Paz, no Prefácio, isso abre espaço para a própria discussão do conceito de “autoria”, visto que a nossa concepção contemporânea de “plágio” e de “propriedade intelectual” não era vigente no século XVIII, nem define a forma como esses textos eram construídos e reconstruídos, continuamente, ao longo do tempo e do espaço, em uma sociedade que estava se mundializando³. Isso é perceptível, quando Fleck afirma que diversos manuscritos sem autoria circulavam nas missões, trazendo instruções sobre curas e formas de curar para serem utilizados pelos responsáveis pela saúde nesses espaços (Fleck, 2022, p. 24), e que eram empregados, como manuais para auxiliar os religiosos, mas, também, para tirar a dependência dos saberes curativos de pajés indígenas, especialmente, em um período em que os responsáveis pelas práticas curativas precisavam viajar muito para tratar de doenças.

Textos, como o “Libro de Cirugía”, portanto, desempenharam papel importantíssimo, por serem de fácil transporte, estarem adaptados às realidades locais das missões, e permitirem adições de novas informações, conforme a necessidade. Isso ajudava na rápida intervenção nas doenças, com sugestões de medicamentos e preparos, além de várias fontes de cura, dado que o manuscrito demonstra a coexistência de diversos sistemas médicos, que traziam diferentes perspectivas e explicações para a origem de doenças, e como deveriam ser tratadas, o que não impedia a mistura de elementos próprios de cada método.

Para Fleck, a riqueza do manuscrito encontra-se no que ele deixa transparecer da experiência americana, tanto do(s) autor(es)-compilador(es), quanto de outros missionários que trabalharam com curas na região platina. Ele não aponta para uma mera difusão passiva de conhecimentos médicos da Europa do XVIII, no continente americano, mas para uma constante negociação com saberes nativos e um esforço de legitimação, que, por meio da resignificação e da mistura com elementos locais, deu origem a novos conhecimentos e técnicas curativas. Fleck adverte, porém, que esses elementos nativos foram “domados” e absorvidos, por meio de cânones próprios da cientificidade da época e do(s) autor(es)-compilador(es) que influenciaram como eles seriam descritos e apropriados.

A edição traz a atualização da escrita do manuscrito original para uma mais fácil leitura, e indica correções, rasuras e outros traços presentes nas laterais do texto, que confirmam esse

³ A ideia de ampliação e flexibilização do lugar de “autor” para textos coloniais pode ser encontrada em pesquisadores, como Michel de Certeau (1982) e Roger Chartier (2012), e permite questionar muitas das formas de produção literária, anteriores ao advento da imprensa, ciência e editoração contemporâneas, que passavam por lógicas de construção, emulação e citação muito distintas.

manuseio e a utilização por diversos agentes, ao longo dos séculos. Tudo isso é complementado por tabelas com informações que facilitam não só a localização de doenças, plantas e tratamentos presentes no documento, mas também a possibilidade do uso em pesquisas futuras que cruzem esses dados de formas diversas.

Muito mais do que um tratado médico, o “Libro de Cirurgía” é um documento riquíssimo para compreender os múltiplos aspectos, não só da relação doença-cura nas missões, mas também da ação dos jesuítas no dia a dia missionário e a agência dos indígenas que permeou esse relacionamento. Como Carlos Paz indicou no Prefácio (FLECK, 2022: 9), a escrita da Companhia de Jesus deve ser encarada como um “dispositivo de poder”, traço distintivo que descortina o “modo de ser” do jesuíta, preocupado com o registro e o controle do ambiente, por meio da palavra. As marcas deixadas, na escrita, por esse “modo de ser”, permitem que percebamos a sua intencionalidade e os sentidos múltiplos que guiaram o trabalho dos religiosos nas reduções, colégios etc., e que foram muito além do âmbito espiritual⁴.

Isso é potencializado em um ambiente, naturalmente, “hostil”, como era a América colonial, para aqueles que chegam, e que precisam dispor de uma série de conhecimentos de plantas, animais, minerais e outros elementos locais para realizar as práticas médicas. Por isso, a ação dos indígenas da América na construção desses manuscritos e o seu conhecimento sobre diversos produtos não disponíveis no Velho Mundo precisa ser destacada, já que muitas receitas trazidas da Europa pelos religiosos precisaram ser adaptadas, modificadas, e, mesmo, transformadas em novas práticas curativas com ingredientes locais.

Conhecer e transformar esses saberes americanos, também, era uma forma de dominação do ambiente, pois retirava a dependência direta dos indígenas, como intérpretes do mundo natural utilizado nas curas. O que nasce disso, e fica evidenciado pelos textos introdutórios de Fleck, é uma “medicina mestiçada”, que absorve e acumula saberes, por meio da comunicação e memorização, e os insere em lógicas científicas europeias, por meio da escrita dos religiosos, em

⁴ Presente em diversos trabalhos recentes sobre a atuação da Companhia de Jesus, essa “escrita afetada” (como definido por Paz, em artigo, com Galhegos Felipe (Felippe, 2019)) é um dos traços mais ressaltados por autores que se debruçam sobre a ampla e multifacetada documentária jesuíta. Se vem descortinando, assim, o seu papel, como construtora de realidades, influenciadora de ações e opiniões, instrumento de defesa da ação dos jesuítas em suas disputas com outras ordens e autoridades, além de espaço para tecer relacionamentos científicos, doutrinários e sociais. Sem ser uma estrutura estanque, porém, essa escrita estava sempre permeada por subjetividades e intrusões de traços distintos daqueles defendidos pela cultura europeia, demonstrando a pluralidade de relações desenvolvidas pelos membros da Companhia, que deixam transparecer os pensamentos das sociedades tocadas pela missão.

uma relação de construção e circulação do conhecimento amparado por regras claras de escrita do seu tempo.

Haveria, aqui, a aproximação da ideia de “homem fronteira/memória” de François Hartog (1999, 2004), que define os indivíduos que, em situação de encontro cultural em fronteiras não só físicas, mas também culturais, tocam e são tocados pelo outros, deixando registros dos contatos. O(s) autor(es) do “Libro de Cirurgía” são aqueles que andaram nos espaços limítrofes entre civilizações e absorveram e disseminaram conhecimentos, em um processo consciente de observação, estudo, catalogação, experimentação e escrita, relacionando-se com diversos grupos indígenas, modificando-se, mutuamente, e criando novos sentidos, a partir dessa relação plural.

Assim, passagem desses religiosos pela América, não foi marcada somente pela missionarização, mas pelas ações científica, artística e cultural, com a criação de bibliotecas, colégios, laboratórios e boticas, onde houve um processo de hibridização (BURKE, 2003) entre o saber médico europeu e o de diversos povos indígenas, que lançou as bases para a ação médica no continente. A busca, no catálogo de bibliotecas e acervos documentais da Companhia de Jesus dos manuscritos médicos citados no “Libro de Cirurgía”, demonstra a preocupação da professora Fleck de não apenas discriminar os textos consultados pelo(s) autor(es), mas também de reconstituir as redes de pesquisa e trocas científicas que deram origem ao trabalho.

Essa agência dos missionários e intérpretes indígenas gerou uma via de mão dupla entre diversas formas de cura, desenvolveu “redes de conhecimento” que integraram saberes medicinais de diversas fontes, desde os gregos antigos, a medicina hipocrático-galena, o conhecimento da astrologia para os tratamentos, as expressões xamânicas dos pajés indígenas etc. A experiência pessoal do(s) autor(es) do “Libro de Cirurgía”, dessa forma, é aparente, e, como apontado por Fleck, demonstra uma prática não só de compilação de trechos de outras obras médicas, mas uma experimentação e mistura de elementos de forma prática no tratamento das doenças nas missões.

O “corpo”, assim, ganha destaque. Objeto de estudos de pesquisadores atuais, como Chamorro (2009), a corporalidade missioneira e colonial, tanto do indígena, quanto do europeu, é um dos focos de atenção do “Libro de Cirurgía”, visto a preocupação em controlar doenças e problemas em um ambiente de tensões e surtos frequentes de diversas moléstias que dizimavam populações nativas inteiras. Conhecer melhor o corpo, e entendê-lo, como espaço, no

qual ocorriam influências de fontes diversas, era fundamental para pensar não só doença e cura, mas também o próprio sucesso da ação missional, o objetivo último dos religiosos.

Nesse período inicial da colonização europeia, definido, por Furlong, como a “infância da ciência médica” no continente americano (FURLONG, 1994: 83), os contatos culturais multifacetados citados, que moldaram a forma como a ciência médica seria elaborada nas missões e assentamentos nascentes, deixaram uma marca nos textos escritos pelos religiosos, e é importante ressaltar, desse modo, que essas

Falhas [ou franjas] do discurso jesuítico, permitem perceber reduções como “espaço de reinvenção de significados”, local de elaboração de uma religiosidade particular e híbrida entre espiritualidade indígena e catolicismo jesuítico. Nesse espaço fluído, onde se misturam a “integração e a transgressão” (CERTÉAU, 1982), se abre um campo para a construção de uma rede de sentidos mais plural e preparada para os desafios do seu tempo (FLECK, 2014: 24-25).

Os documentos deixados pelos religiosos sejam cartas, tratados de medicina, sermões etc. são fontes privilegiadas para perceber as nuances do saber médico trazido da Europa e a sua integração com saberes locais. Algo que Fleck vem buscando evidenciar em seus trabalhos é que “os conceitos de saúde e doença são históricos e os processos relativos ao adoecer e à cura são socialmente vivenciados e construídos, relacionados com a ciência, a sociedade, a cultura, a religião, o meio ambiente, enfim, envolvendo todo o âmbito das manifestações socioculturais” (*Ibid.*, p. 28).

Essas características estão evidentes nos textos introdutórios dessa edição, e abrem espaço para novos pesquisadores que pensam as dinâmicas complexas de produção e circulação de conhecimento científico no período colonial. Além disso, que analisem a agência de uma série de sujeitos, desde autores de tratados de medicina clássicos, religiosos, leigos e informantes indígenas, que, por meio da disseminação e integração de práticas e saberes curativos, transformaram a medicina americana. Isso demonstra a coprodução de práticas causada pelo encontro civilizacional, e o quanto a colonização foi muito mais uma negociação do que uma imposição de saberes europeus sobre os locais.

A edição realizada pela pesquisadora Eliane Fleck do “Libro de Cirugía”, dessa forma, permite avançar sobre a ideia de que adoecimento e cura são objetos históricos relevantes para

se pensar uma série de contextos que complexifiquem missão, medicina fé e caridade no coração do continente americano.

Referências Bibliográficas

- BURKE, Peter (2003). *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo: Editora Unisinos.
- CAÑIZARRES-ESGUERRA, Jorge (2004). Iberian Science in the Renaissance: Ignored How Much Longer? In: *Perspectives on Science*, v. 12, n. 1, 2004, p. 86-124;
- CAÑIZARRES-ESGUERRA, Jorge (2007). *Cómo escribir la Historia del Nuevo Mundo*. México: FCE, 2007.
- CERTEAU, Michel (1982). *A Escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- CHARTIER, Roger (2012). *O que é um Autor? Revisão de uma genealogia*. São Carlos: EdUFSCar.
- CHAMORRO, Graciela (2009). *Decir el Cuerpo: Historia y etnografía del cuerpo en los pueblos Guaraní*. Assunção: Editorial Tiempo de Historia.
- FLECK, Eliane Cristina Deckmann (2014). *Entre a Caridade e a Ciência: a prática missionária e científica da Companhia de Jesus (América platina, séculos XVII e XVIII)*. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos.
- FLECK, Eliane Cristina Deckmann (2015). *As artes de curar em um manuscrito jesuítico inédito do Setecentos: O Paraguai Natural Ilustrado do padre José Sánchez Labrador (1771-1776)*. São Leopoldo: Oikos.
- FLECK, Eliane Cristina Deckmann (2022). *Libro de Cirugía. Trasladado de autores graves y doctos para alívio de los enfermos. Escrito en estas Doctrinas de la Compañía de Jesús, en 1725*. 2 ed. [e-book]. São Leopoldo: Oikos.
- FURLONG, Guillermo (1994). *Los Jesuitas y la Cultura Rioplatense*. Buenos Aires: Biblos.
- FELIPPE, Guilherme Galhegos; PAZ, Carlos (2019). Interseção de subjetividades a presença indígena na escrita afetada dos jesuítas. In: *História da Historiografia*, v. 12, n. 30, pp. 198-232.
- GRUZINSKI, Serge (2001). Os mundos misturados da monarquia católica e outras connected histories. In: *Topoi*, v. 2, n. 2, p. 175-195. Disponível em: <<http://revistatopoi.org/site/topoi2/>>. Acesso em: 15 ago.2024.
- GRUZINSKI, Serge (2012). *La Guerra de las Imágenes: De Cristóbal Colón a "Blade Runner" (1492-2019)*. Ciudad del Méjico: Fondo de Cultura Económica.
- GRUZINSKI, Serge (2014). *As Quatro Partes do Mundo: História de uma Mundialização*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Edusp.
- HARTOG, François (1999). *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- HARTOG, François (2004). *Memórias de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia Antiga*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- RAJ, Kapil (2015). Além do Pós-colonialismo... e Pós-positivismo Circulação e a História Global da Ciência. In: *Revista Maracanan*, n. 13, p. 164-175. Disponível em:

<<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/maracanan/article/view/20133>>. Acesso em: 15 ago.2024.

SUBRAHMANYAM, Sanjay (1997). Connected Histories: Notes towards a Reconfiguration of Early Modern Eurasia. In: *Modern Asian Studies*, v. 31, n. 3, Special Issue: The Eurasian Context of the Early Modern History of Mainland South East Asia, 1400-1800, 1997, p. 735-762.

SUBRAHMANYAM, Sanjay (2001). *Penumbra Visions: Making Politics in Early Modern South India*. Ann Arbor: University of Michigan Press.

SUBRAHMANYAM, Sanjay (2007). Holding the World in Balance: The Connected Histories of the Iberian Overseas Empires, 1500–1640. In: *The American Historical Review*, v. 112, Issue 5, p. 1359-1385. Disponível em: <<https://academic.oup.com/ahr/article/112/5/1359/41045>>. Acesso em: 15 ago.2024.

SUBRAHMANYAM, Sanjay (2011). *Three Ways to be Alien: Travails and Encounters in the Early Modern World*. Waltham: Brandeis University Press.

SUBRAHMANYAM, Sanjay (2022). *Les Peuples de l'Orient au milieu du XVIe siècle*. Paris: Editions Chandeigne.